

480 poemas pretos
+ 3

justino justino justino



Universidade Estadual da Paraíba

Prof^a. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof^a. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Moraes de Sousa (UEPB) | *Diretor*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)
Alberto Soares de Melo (UEPB)
Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)
José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)
José Luciano Albino Barbosa (UEPB)
José Tavares de Sousa (UEPB)
Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)
Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

Conselho Científico

Afrânio Silva Jardim (UERJ)
Anne Augusta Alencar Leite (UFPB)
Carlos Henrique Salvino Gadêlha Meneses (UEPB)
Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN)
Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP)
Diego Duquelsky (UBA)
Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN)
Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB)
Germano Ramalho (UEPB)
Glauber Salomão Leite (UEPB)
Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT)
Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB)
Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)
Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)
Flávio Romero Guimarães (UEPB)
Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)
Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)
Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)
Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)
Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)
Rosmar Anttoni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)
Vincenzo Carbone (UNINT/IT)
Vincenzo Milittello (UNIPA/IT)

Expediente EDUEPB

Design Gráfico e Editoração
Erick Ferreira Cabral
Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes
Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística
Antonio de Brito Freire
Elizete Amaral de Medeiros

Divulgação

Danielle Correia Gomes
Gilberto S. Gomes

Comunicação

Efigênio Moura

Assessoria Técnica

Walter Vasconcelos



Editora indexada no SciELO desde 2012



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

justino justino justino

480 poemas pretos
+ 3



Campina Grande-PB
2021



Estado da Paraíba

João Azevêdo Lins Filho | *Governador*

Ana Lígia Costa Feliciano | *Vice-governadora*

Nonato Bandeira | *Secretário da Comunicação Institucional*

Claudio Benedito Silva Furtado | *Secretário da Educação e da Ciência e Tecnologia*

Damião Ramos Cavalcanti | *Secretário da Cultura*

EPC - Empresa Paraibana de Comunicação

Naná Garcez | *Diretora Presidente*

William Costa | *Diretor de Mídia Impressa*

Rui Leitão | *Diretora de Rádio e TV*

Alexandre Macedo | *Gerente da Editora A União*



BR 101 - KM 03 - Distrito Industrial - João Pessoa-PB - CEP: 58.082-010

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro, conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA HELIANE MARIA IDALINO SILVA - CRB-15ª/368

M332c Justino, Luciano B.
480 Poemas + 3. [Livro eletrônico]/ Luciano B. Justino.;
[1.ed.].—Campina Grande: EDUEPB/Latus, 2021.
000 Kb - 523 p.: il.

Nota: **Latus** é um selo da Editora da Universidade Estadual da Paraíba(EDUEPB).

ISBN 978-65-994892-4-2 (E-book)

ISBN 978-65-994892-5-9 (Impresso)

1. Literatura brasileira 2. Eu lírico - Poesia 3. I. Título.

21. ed.CDD B869.94

Copyright © **EDUEPB**

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

... é onde os pastos carecem de fechos

João Guimarães Rosa

*... e tu, sonho, dá-me teu diamante implacável:
teu tempo de destempo*

Cesar Vallejo

*que interessa aos outros esta ânsia de mundo,
esta voragem de terra, esta minha vontade de
beber o mar (bebê-lo, Madre, pelo fundo), esta
vontade enlouquecida, esquecida, de tocar
todas as coisas que erram a fim de as
empunhar*

Isabel Barreno, Teresa Horta, Velho da Costa

... senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega

Machado de Assis

*ele mesmo: por que você não enterra os seus
mortos?*

ele: não é preciso. eles não apodrecem

Zé Agrippino de Paula

*se for cuspir na cara do mundo, tenha certeza
de estar de costas para o vento*

Gloria Anzaldúa

*Frei Alexandre observava admirado: "como é
preta a gente desta cidade!"*

Eliana Alves Cruz

... a obra, é a máscara mortuária de sua concepção

Walter Benjamin

n,

dilate a paisagem

corroa os altares

dance

d
anc

danc **dan**

dane

dan d n e da **C**

Serp

of
ofid

dnc

d n
da e

oferte-se: **f i S**

Suras

-θ

- pronto!
agora
cês tão livres pra dançar e morrer nas sarjetas desta bosta,
guspiu como praga
a Princesa

além, muito aquém daquela serra, que ainda azul no horizonte...

00:27
escorre
na terra espessa *alastram* larvas
ciciam ventos *tufão*
magma *deserção*
salivam incessantes vísceras
pacto feto feitiço
I' céleres *moléculas de instabilidade*
Ж~ cardumes maltas matilhas colônias
rasto *rastro*
ú anômala manhã 4:43
fome febre fome
faro
acesos contágios
afecção *infecção*
meta *metástase*
6 epidermias escamações
ascese excesso
silvo sibilo
horda
bando
H ardor
á 00:26
prolif

mestiçaria
vigília de farta orfandade
devir de diversa origem

AH redentora perdição
OH sovina salvação

do vão devaneio de amar
indizível loquacidade
merdas meras do lembrar

dos tus em mim
vasto de teus ocos
captura do incognoscível

do húmus da humana animalidade

de nacos de nada
e
de
pedra
perecível
infinít

-①

nem ao pó nem apocalipse
reles sargaços do tempo

na ansiosa hora
da cisão

unha
na fissura

hélices de peixes

esta é tua estânÇia entra
deixa-te aí

 tua face inteira
 teu corpo maduro
 teu acabamentoo

e vem
estes pântanos azuis e cor de vinho são teus mortos que te esperam

 entra

desliza teu peso neste vazio
 vem
este barroco barraco barranco é tua casa

não te procures passar ao sentido

o sentido deste teu sentir , AQUI , é

esta passagem

 traz
 teus mananciais represados
 teus rios imaginários

 venham

 teus anacronismos
 teus desabamentos
 teus desaparecidos
 teus não-ainda

chega

 abre-te ao aberto eletriza tuas peles amplifica tuas dobras
 escorre
 regas esta hemorragia
 expande teus ecos

 am^ma

como ousas voar nesta névoa de pixel e pólvora?
ainda de fezes, maus poemas, golpes e asco
bípedes, confiantes, tiram o chapéu maquinalmente

onde estás Altazor, te-perdeste na queda?
esta queda de onde partimos agora – “península amordaçada e impassível” –
pisando as cinzas daquela essência em nome de tudo o que nos arrepia?

!
o Guesa está em *Trilce*, subamos
já
:
os mortos de nossa farta orfandade rejeitamos morrer
vede, Antígona, seus espessos filetes de larva
verdes

verdejar

vem: **acorda**

“mil línguas de grama” em campos de aço aÇo aÇo
árvores partidas vestígios de tempestades
incêndios de sol

subamos
aos que nos esperam
no nervo da larga noite d'outrora amanhã

às asas dessas raízes

espólio?
espessura de formas?

qual o sonho?
há porventura porvir?

canta-se?
quem garganta?

é essa a casa?
são minhas as mãos?

o que está a vibrar?

alastrãO

sim
é
na nova moeda de tua velha moenda
que vim - como d' outra vez -
MORRER
depositar meus peixes
e
postes de alta tensão

sim
aqui
espalhar a tapeçaria de meus lodos
as metástases de meus escapamentos

é aqui sim
que vim
MORRER

distend et
inominável intangível

min' história num começa co'a tua

? o que houve

teu heroico evento
o fóssil da língua da nação
negação
subtração
amputação

? o que houve

? o que houve

conto só a afasia
no monumento, a racha
no túmulo do soldado desconhecido

o vazio

a anônima inscrição

o murcho alface do esquecimento

minha pátria é a própria dispersão

este curvo mar de cabedelo ontem amanhã
escavo
arranco
escavo
até que ele fal/h/e
volte a fal/h/ar

seus alhures

seus temp^I

o lento legar-**se**

eu sou, da tradição, o trauma
o espectro
eis

---①

Teu corpo. À imagem

o aparecer do que aparece
abre se nos ao aberto
da cisão

|
abre se nos
ao vazio da ilusória fusão

entretecemos,
entanto,
eu-~~e~~-tu,
- feto feito feitiço –
redes de afeto
e
aversão

o tempo num cessa, Diadorim

—00—

tocar os longes
dilacerar a clausura da histeria, a tua
iluminar as falsas camadas de noite sob a pele
devolver os disfarces e os enfeites
dissipar as bússolas dos assíduos senhores
acolher o impróprio que me

uma
ova

todo corpo é multidão

bando manancial turbilhão

todo corpo é r i o

margem arrebentação

todo corpo é pouso

contágio comunhão

todo corpo é tráfego

vento vulcão

todo corpo trama

elo secessão

todo corpo sim não

hidra de mil bocas

umas regurgitando *outr*

fitas de fumaça

vivamos nossa fábula, minha Lésbia, e amemos
este afeto emergido do fundo do grande naufrágio
nossas fodas fora de reles relógios e gastas gramáticas
enlacemos as mãos

vivamos nossa fábula, minha Lésbia, e amemos
o atual d'este infinito, fonte de toda promessa
ontens que não esquecemos, amanhãs qu'inda nem lembramos
untemos o pão

vivamos nossa fábula, minha Lésbia, e amemos
em nós, cartografia de nova paisagem
escorrer da moldura, vida real de monstruosa sanidade
acendamos 3 cigarros

vivamos nossa fábula, minha Lésbia, e amemos
dentes no absoluto interdito
o enlace ao que vem até o apagar da incessante chama
polinizemos o mundo

vivamos nossa fábula, minha Lésbia, e amemos
a mútua incompletude

entremos na cidade

aSa

a Z a g a i a

a morte

significa

*an*_{fibio}

muambeiro de sonhos líquidos e fábulas sem Phalo
alfândega de crioulas passagens

peixe e pássaro
água e árvore
movem seu passo de charco

a,
vida *a for a*
de cativa chave

te-manténs aquel'ovo podre ancestral neste futuro?
 não vens passar pro outro lado? quebrar da clausura o casulo?
desde que amanheceu continua teu mundo este pó impassível guarda-chuva?
 permaneces o mesmo apesar de todas estas fugas?
ontem continuarás igualzinho?
 estás certo do que acontecerá antigamente?
vais ficar, ainda, sentado na pré-história do presente?
 não vês que agora já estamos por vir?
 que o precedente virá?
 que é chegada a hora-anteontem-além-amanhã?
 o instante do salto fora do coágulo?

i _ _

fosse tu

tatuaria tua insônia na consciência tranquila dos bem nascidos
bordaria n'outra história teus desprezos
alimentaria teu anonimato na própria fome

fosse tu

abriria tuas portas aos bárbaros
beijaria todas as bastardas bocas
libertaria os subterrâneos ritmos deste teu explosivo corpo

fosse tu

sangraria estas falsas fronteiras morais
soltaria teus cavalos de aço à deriva no DF às 9
reaprenderia a língua que nunca falaste pra cuspir os FODAS TODOS,
que mainha proibiu desde que mandaste o padrinho TOMAR NO CU,
tinhas 5.

fosse tu

Ao arremessar fora os pássaros,
Violeta livrou-se de uma moleza de asa
essa inércia de sonho que nos empalha em pena e compaixão
- ah, vá à merda
= sim, foda-se
frágil facção de si, doença de promessa

Ao arremessar fora os pássaros,
Violeta sentiu irrigar o osso
não só o seu, mas o de mil outros
despedaçados despedidos dispensados depenados
vindos do vai e vem de tanta margem abater o truque pudico desta nossa cidade

Ao arremessar fora os pássaros
Violeta pensou
- ah Campina ,, , máscara milícia fascista; cortejo de esposa grã-fina
- ah Campina! brancas saias enlameadas: :sangue em cremes de barbear
pra continuarem as mesmas, cobras cegam até a mudança de pele passar

Ao arremessar fora os pássaros
Violeta convulsa a cidade
ubíqua, nos calçados dos açudes
pisa dança grea ri
prega alastra espalha botas como se plantasse prole e catimbó
aquí ali alhures

11111111botas

0-0--

atiço o áÇido

os fastios do Deus

atiço o áÇido

a televisiva tragédia

“jubilosa crueldade”

atiço o áÇido

a delirante lucidez

atiço o áÇido

a centelha da embriaguez

atiço o áÇido

os tinos da esti[G]ma nordestina

“tudo é apócrifo, meu filho”

atiço o áÇido

a alma-justina

as mães brancas do mundo me sonharam

atiço o áÇido

a insônia

atiço o áÇido

atiç

atiço o áÇido

o

atiço o áÇido

atiço o áÇido

atiço o áÇido

Ç

atiço o áÇido

Tereza
foi o que sobrou da carga
ela
e uma pequena
vara
de porcos.

um mocinho loiro,
anéis, (anéis) -
paga uma ninharia.

- o navio?
- deposta a pocilga?
- Liverpool,
adoçar de açúcar o chá chique dos Impérios

a nobre fábrica de fêmeas

NAS FAZENDAS DE FAMÍLIAS CARIDOSAS E CRISTÃS

em minas de carvão
e
fundições de ferro

em cortes de lenha
e
cana de açúcar

substituem, sem frescura, burros de carga
grávidas?, são chicoteadas como insolentes

sob ameaça de violação e açoite,
abrem inúmeras valas

- VEZ EM QUANDO UMA ARREGANHA UM PUTO

luz numinosa da lâmpada

salto na selva do sul

- “Deserto será o fruto de teus trabalhos.
Vagabundearás como vagas maltas de mendigos”, ordenou.

- às favas
o milagre de um futuro avaro,
a alma entre aspas,
que Vossa mesquinha divindade sobeja: Digo.

matei o agrimensor e sabotei o latifúndio,
a nódoa incrustada na cara

traguei: conexões descontínuas, “uniões ilícitas e amores abomináveis”
a divisão ilegítima do território,
papas e patrões, escapo.

minha indébita identidade é pântano
infiel a filiações: como quem lava as mãos...
minha única verdade: o nome falso do falso nome que falo:
“Abel é meu nome, disse Caím”.

n

Baden, o nosso,
- os nós cegos do destino:
fortuna servil da fadada sorte –
viola à faca.

- “Abel é meu nome, disse Zumbi”.

n

a forma-enformação.
pulsão-errância,

éden adâmico de atávicas OTANs? RA RA RA
“B-abel é meu nome, entoam todos”.

Q'DEUS QUER?
o fio de ar dos pássados?
as crianças suas larvas?
os grandes lábios da Rícia?
meus velhos vinis?
dentes?

“que nome te dás?”, inquire a mundiça.

“sou solidão. sou o 1. sou eu as algemas e as prisões. libertem-me”, suplica.

“desafoguem os porcos”, ironiza 1 coro.

“nossos irmãos porcos estão revolvendo os currais do mundo”
responde, irritado, um 2º.

“este”, aponta um 3º,

“sua retórica da guerra e do sacrifício, histeria da pureza predatória,
hei difamado nossos deuses-zumbi com seus fetiches monoteísticos”

NÃO NÃO NÃO!

VINDE

NÃO NÃO

vinde

às areias dessa terra apátrida

NÃ SIM O

vinde

a esses ritos sem mitos

SIM S M NÃ

vinde

aos risos dessa horda de condenados

SI NÃ S

NÃO N O IM

vinde

ao suor desses números zeros

SIM N SIM

vinde

à solidez desse espesso mistério

NÃO SIM

SIMSISIM

vinde

ao impulso elétrico de nossas carnes

NÃO SIM

vinde

às partículas destes cheiros e chás ccccccccccc

NÃO NÃO SÃO IMN

vinde

a nossos grandes lábios de mil e uma línguas

I O I S N

vinde

SENTI NOSSAS CICATRIZES, PRENHES DE BEBÊS E BARRAS DE FERRO

---①

geografia da raiva ou a incerteza da completude

- “nossos irmãos e irmãs judeus esqueceram a humilhação que sofreram?”, lê-se no Muro da Cisjordânia.
- a pedido do irmão, o amanuense Afonso H. de Lima Barreto foi levado à força ao Hospital dos Alienados.
 - a socialite Donata Meirelles faz selfie com suas fantasias de pretas escravas.
 - do porta-aviões George Washington (CVN-73), caças partem com sacos de comida e mísseis aim-9x.
 - a Terra de Santa Cruz mata uma mulher a cada 2 horas.
- “o belga Abdelhamid Abaaoud e o francês Salah Abdeslam lideraram o atentado de Paris”, diz a polícia.
 - no exílio, monges tibetanos oram pela China.

-
-
- não
- nunca os sequestramos nem os lançamos aos tubarões
- ou os tratamos como bestas e animais
- não, não
- nunca os torturamos
- meras moedas? jamais
- algemas cepos peias e todo atributo de ferros, nenhuma vez os usamos
- nem os mutilamos ou os acusamos de bruxaria
- permitimos seus deuses por aqui, lembra? suas histórias
- não matamos suas crianças nas favelas ou do alto de nossos edifícios
- nossas leis sempre foram as suas
- nossa polícia os protege
- demos o melhor de nós a vocês, a suas mãos, a seus trabalhos
- jamais jogamos a vocês as sobras
- guardamos seus domingos
- não é verdade que enriquecemos com

- jamais
quisemos
faze

nun

nu

n

-

-

=

AR-15
AK-47
Taurus.40
Rafale
FAMAS
Sa'ar 5
Challenger II
Boeing 767-223ER
M-16
UZI

Taurus.40
AR-15
AK-47
AH-64 Apache
M 270
Arrow
L115A3
F35B
XM-25
Boeing 767-223ER

“Desde o dia de tua criação, eras perfeito nos teus domínios.
Até o dia em que se achou iniquidade em ti”,
disse Ezequiel

encefalograma colonial

Febre, perda d`apetite, diarreia. Suores suores suores
Arre arrepio no espinhaço.
Insônia. Enxaqueca. Inchaço.
Delfrios. Devires. Peidos. Pesadelo.

A vida inteira que efetivamente tem sido.

Os campos e os corpos estão em brasa. As cidades e as almas fervem.
Bater Bater Bater. Violar.
Cumplicidade. Dissimulação. Objetos parciais. Esterilizações.
Querem me enrabar.

- Fale:

—

....."....." ".....".....".....".....".....

- Repita:

—

..... ^^.....

— Necrose neuromuscular encefálica, que sobe desde o nervo vago.

-

.....\.....(.....)..... ent ~

- Vou amputá-Lo.

.....

a sua própria obra

- Se der mole eu como - Come tua mãe! - Quero nem saber
- É cada uma! - Posso te pegar lá? - X'eu ajeitar teu cabelo
- Que foi? - Se abra comigo.... - Essa gente pensa o quê?
- Meu filho... - Almoçar qualquer dia... - Ôxe! - Ça porra!
- Massa tua unha... - Nossa! - Se fuder - Nós duas... - Hã?
- Deixa quieto me' irmão? - Foi bom - Que nada, fica na tua
- Com'é que vamo fazer? - Desencana - E saio mais falando
- Ôpa! - Que nenhum home faz, chega nem perto - Eu acho...
- Manda à merda - Sei... - Convenhamos, absurdo - Vem cá - Acho melhor não - Quem vê pensa que...
- Esquenta não - Só era o que faltava - Lindo de doer - É o quê - Foi nada... - Não. Princesa um caralho - Vamo sair daqui

—00—

puíZia (*pus + azia*) 1. *Bot.*: diz-se da parte imprestável das frutas, da mosca que apodrece os frutos; 49. *Ling.*: cada uma das linhas que compõem um parágrafo, raciocínio lógico; 13. *Patol.*: abscesso, tumor, edema; 4. *Const.*: entulho, fossa, vala; 77. *Polit.*: sistema de governo que articula burguesia urbana e latifúndio. 29. *Org.*: chifre, unha, cabelo; 22. *Trab.*: criado, servo, subalterno; 31. *Med. Leg.*: pâncreas, útero, estômago; 1006. *Psic.*: perda da capacidade motora, indivíduo desprovido de vontade, abulia; 2003

puiZia

eXcaldar eXcavar eXcarrar eXcangalhar
eXcarnecer eXcorraçar eXculhambar
eXpalhar eXpatifar eXcancarar
eXcapar eXprezzar eXcrezer

foda Maria
molhei teus livros todos

e em tudo somos nós a escorrer lílases
nos maciços alicerces destas másculas milfcias

uns sem fim de paixões
a encharcar de fome o altar dos saciados

-----①

no Eldorado da Chacina, Augusto,
puiZia é risco
: um gosto de cebola roxa no céu da boca

puiZia é risco, Augusto,
vida vedada no País da Pilhagem.
rabo decepado de lagartixa nos cornos-coturnos da minguá
à margem da margem da margem da margem
dobra do nome no miserê da ffffome

- DESÇO SÓ BERMUDA SEM DOCUMENTO-CAMISA, fincou o menino
preto.

puiZia é risco,
tragar o incessante luto
Augusto, em dia branco
a parte à parte à parte à parte,
emergir, em terra sem fruto,
fontes de futuro,
no Eldorado das Chacinas.

ó febre amarela
ó febre amada ó febre idolatrada
entre outras mil entre outras mil entre outras mil
----- ovo e regresso -----
entre outras mil outras mil entre outras mil entre
ó febre idolatrada amada ó febre
ó febre amarela

s
a
s a l v e
v
e

es fátios do Deus

sindicância do ódio

- homens brancos vestidos sem nada que lhes cubra as vergonhas

de onde vem a matéria de tua carne?

que afeto te sufoca?

quem alimenta a miséria de tua fome?

ada que lhes cubra as verg

em que mundo pensam pisar teus coturnos?

como pesam estas memórias em tuas mãos?

sabes que não nos morres?

Rgonh

7 de setembro

abaixo o brasil
porque já há brasil demais

nos purguemos de brasil AGORA
essa reles religião
esse cortejo bufão

um **basta** no brasil
nestes tantos cídios

q **vá à merda** o brasil
doril plasil captopril rivotril

fora
FORA
JÁ HÁ DEMAIS

fOra-se



unha

q vá à merda

- e essa

má

cula?

- barro-radiação

- o que o museu da polícia civil do estado do rio de janeiro tá fazendo com mais de 1200 peças sagradas da Umbanda e do Candomblé?

- hein?

- como é? num entendi

- isso

museu da polícia civil do estado do rio de janeiro 1200 peças sagradas da Umbanda e Candomblé

- foi Vilma Piedade que disse e eu também quero saber

- o senhor tá enganado eu só quero saber

sim, museu da polícia civil do estado do rio de janeiro

- veja você é foda né não?

1200 peças sagradas da Umbanda e do Candomblé capturadas desde a primeira república

- como é?

- outra coisa

- pouco importa quero saber

- né isso não

- é OUTRA COISA meu senhor minha senhora

eu quero saber

eu também

ISSO MERMO

os 5 carimbos

- do comerciante *raptor*
- o selo da **nobre** coroa portuguesa
- **a** cruz de nossa santa igreja, "batizado"
- uma companhia de *tráfego*
- já aqui, **do** comprador caridoso: "sim senhor"

f de "fujão", o 6º, Maria Navalha não permitiu se fizesse, foi embora...

- não sem antes
enfiar nos cornos de um puto o osso d'uma azagaia

—00—

a car' né
fraca
a carn' é
pouca
pra tanto vão
arroz farofa camburão

a carn' é
fresta
rappa rap repente
na guerra
sã
da fráttria órfã

regas duplas

espessa persistência
expansiva consciência
enlace de rara rale

capo
eira

ginga ginástica

preto pensando

----- respirar

as ~ ~ ~ **pirar** ~ ~

ins // pirar ////

cons **pirar** =====

hoje,
celebremos ! ! ! !

cantemos o
degelo,
no cerne mesmo dessa inflação de sol
e
sangue,
terra trêmula
farrapo de pátria

celebremos ! ! ! !

não o medo, seu estreito
dancemos
ao derreter-se
da imaginária falta futura
do corpo sem mundo

sim, sim, celebremos ! ! ! !

não não
o homem que caga certo pouco a pouco
a Ustra covardia

celebremos ! ! ! !
o
fogo
sob
a cinza

- feto feito feitiço -

anastácia II

falar é fuder
as vozes fodem
violam as economias do *Ser*

erçam contágios
imprevistas conexões
transversam universos
larva a nudez pássaro gentes o vento sair saída a alma d'um
morto
um cão encharcado

falar é fuder
as vozes fodem
fodem
fodem
fodem

tensão de sim "sangra [o segredo de] toda palavra sã"
um inaudito q canta
[ao olvido] uma sanha de sonho
no real, ranhura
rastros

commodities

- "Oh! se a gente preta, tirada das brenhas da sua Etiópia, e passada ao Brasil, conheceu bem quanto deve a Deus e a sua Santíssima Mãe por este que pode parecer desterro, cativo e desgraça, e não é senão milagre, e grande milagre? Dizei-me: vossos pais, que nasceram nas trevas da gentildade, e nela vivem e acabam a vida sem lume da fé nem conhecimento de Deus, aonde vão depois da morte? Todos, como credes e confessais, vão ao inferno, e lá estão ardendo e arderão por toda a eternidade", disse o Padre Antonio Vieira

- "Não há trabalho nem gênero de vida no mundo mais parecido à Cruz e Paixão de Cristo que o vosso em um destes engenhos. O fortunati nimium sua si bona norint! Bem-aventurados vós, se soubéreis conhecer a fortuna do vosso estado, e, com a conformidade e imitação de tão alta e divina semelhança, aproveitar e santificar o trabalho!", seguiu apontando pra audiência

- "Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado: Imitatoribus Christi crucifixi - porque padeceis em um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz e em toda a sua paixão. A sua cruz foi composta de dois madeiros, e a vossa em um engenho é de três. Também ali não faltaram as canas, porque duas vezes entraram na Paixão: uma vez servindo para o cetro de escárnio, e outra vez para a esponja em que lhe deram o fel. A Paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despídos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós mal-tratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isto se compõe a vossa imitação, que, se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio", continuou, os olhos embaçados d'água

-00-

- foda-se o spleen

o sendo efêmero
 posso deter-me e ficar?
 habitar o abscesso do obsedante instante?
 gozar no sendo transe
transitório?

o sendo efêmero
 lançar sacros amanhãs no instável ínfimo infinito?
 o mar que suga o corpo do afogado

o sendo efêmero
 ouvir falar os mortos no turbilhão dos vivos e exumá-
los?
 viver os vivos morrerem
 e despertá-los?

Aragon? sim sem gagá nostalgia,

o sendo efêmero
 saudar fenecer o ciclo da verdade vertigem do falso?

O sendo efêmero
 entretantos

...
e

a chuva nos transborda com seu grande lábio de fluxos
escorrendo o sangue a lágrima
a seiva
pelos córregos da pedra e do ar
onde lagartos e pássaros salivam o tempo de permanências

toma, amor, um banho comigo
lavemos noutra água
essas garras de desprezo e toxina

toma
toma amor, 2 banhos comigo
3
e mais 3
depois

deslizemos
em nossos dilúvios
de tantas vidas e vícios
sujos e fartos

até que

tempo é saliva
teia de sal: ser de salto
temporal
medula e cal: teleósteo de água e nau
levante: desalma de serviçal

MEMENTO escamas de pele espalhadas por vãos d
e vento caspa pelos pelos pentes mofo
+ mofo ácaros excrementos de inseto s
sêmennn uvas fuligem salitre
a varíola o valongo
fotos na cerâmica baça
saliva do cão nos pratos da pia secre ç cão pasta de de
ntes bactérias partículas minerais *percorre*

dane

és tu e em ti,
Barro-radiação, q u o n d e
flui este ardor de tráfego,
arrepio de língua-
lâmpião. dente em teu
lábio, a alma precária
dum vulnerável
corpo, sabe, livre
dos currais de si e
das rações da raça.

murmúrio
de muitos
“foras
desde dentro

,
ta-tear do real
outro rito

coliformes coloniais

escorte
00:26

—00—

pretas putas
"evas negras não redimidas por maria"
- malta matilha -
espreitam lares espreitam lares espreitam lares
como abutres
como lustres
a alumiar a alumiar a alumiar
o sangue e o saque
que escorrem na noite tropical
à noite

bosta

... shiny shiny shiny boots of leather Whiplash girlchild in the dark...

bolsa falsa Louis Vuitton prensado de \$70 Tilápia kg e ½ Taurus .40
Violeta cruza o Zepa subir a Quebra Quilos tomar o Centro
pedala o ar quente de novembro como se pedala um pântano

sinos de São José convidam congregar ao sacrifício do cordeiro imolado
- QUE NADA

ÀS ervas não curativas dos sem missão e sem chaga
zelar a própria cicatriz os rios escorrem entre as pernas escarram toda saudade
o músculo mutilado da fantasia
da aspiração, a aspirina

...vai triturar teus sonhos tão mesquinhos Vai reduzir as ilusões a pó...

imaterial apetite de preta os cacos do sobrenome na calçada
fodam-se os lençóis a pia o porco por assar o destino definido a priori por outrem
“ponha mais cor no seu prato todo dia”, berra a Joana D’Arc repolho pimentões

o Abrigo café-leite-ovos-fritos irradiam
os velhos regam sóbrios devires juvenis em punhetas tantas
anões mirins planejam facas fendas canivetes
“o sangue inda num secou nem começou d’onde deve ser sangrado” riem

Violeta acelera, desce caracol a Campos Sales
os carros as pontes ecoam a varíola a noite sem fim seus naufrágios
a mútua deserção a solidária exceção aos pregos do açoite

... tente esquecer em que ano estamos Arranje algum sangue, escreva num pano...

a corrente gira e aviva a Quebra Quilos os talhos nos pés os vidros pisados na taça dos dias
a dança cava as lâminas na mama a planta as pontas dos pés

a feira de pássaros mil machos ofertam gaiolas-alçapões “6 patas 4 asas 10 Reais”
piches piches os muros da maternidade: o mar a mãe mortuária em toda a travessia
MARIA só expele crianças mortas rainha da diarreia

...tenho 25 anos de sonho e de sangue e América do Sul...

- NÃO
as cintas da piedade e da pureza? ÀS FAVAS O AVAL DE UM FUTURO AVARO
...vou tomar aquele velho navio...
lenço vermelho esvoaça no pescoço
o sol acende
em pé, apressa o passo

nós pós nós

ensolarado céu de outono
esta é Rícia; esta sou eu.
"canalhas canibais!", nos-impingem os estúpidos.
"frívolas e cruéis!", repetem.

nós: rio sem margem de água vasta
homicidas do Último Homem em banquete de bêbadas
agora nos-devoramos as 2.

neste piso de pedras: nosso peso de pássaro
unhas nas bagas do cigarro
OS DENTES na pré história do futuro
 nas fibras daquelas frutas
 nas migalhas deste pão
 nestes fiapos de carne

- minh'alma toca teu ventre; tua mente, minha mão
nos-raspamos dos pelos mi-NU-CÍO-Sa-mente os piolhos do Pai:
afiadas lâminas nos-fissuram

pracabarcomeçar
nos-mijamos toda

 o que reproduz
 tudo o que refém

o
precedente
virá

elo *secessão*

universal é a fraude
o cúmulo da acumulação
a centopeia de visão do Império

universal é o ubíquo álibi de deus
a lábia do beato
o plástico sobre a água

universal é o verme que nos governa
o sangue na soja
o grã-fino porqueira

universal é o coturno
o abatedouro clandestino
a imagem da alma morta do menino

universal é o ansiolítico
a falsa pérola do futuro
este mundo do mundo

universal é esta febre amarela
o parto que não cessa
é mil-e-uma-miséria

- universal é o caralho

—00—

vogue

barba feita com esmero
fios grisalhos nos cabelos, extraí-los ou pintá-los de preto
rugas, poli-las
usar sim, se for o caso, ora e por quê não?, “areias finas”
lentes nos dentes
untar o corpo, parecer brilhante e hidratado
suar, secar

escravos,
assim,
são preparados
pra venda no Cais do Valongo
as correntes e algemas deixam marcas visíveis

eu só acredito em ciência que delira,
quando
injeta ferro nas veias das árvores e as faz
dançar.
o que pode o desejo,
e a criação,
não é a falta,
é o excesso.

VIVO é o que escorre a moldura de todo organismo.

a falta é filha do castrado,
que gozou um fusível de vazio nas vaginas de Deus,
Freud foi o escrivão.

Rícia, tu sabes o que é muito,
meu amor não é deste mundo
meu amor não é meu
nenhum pronome me contém
nenhum níquel me contenta

“but I know his name he’s called Mr. D
and one of these days he’s gonna set you free
human skulls is hangin’ right ‘round his neck
the palms of my hands is clammy and wet

lord I was dancin’, dancin’, dancin’ so free
dancin’ dancin’ dancin’ so free
dancin’ lord keep your hands off me
dancin’ with Mr. D. with Mr. D. with Mr. D.”

“a única verdade é o delírio”

os saltos nos pulsos dos pés,
manter acesa a ciência da incerteza e a ponta da língua afiada à fala.

dilatar as memórias e os esquecimentos!
- "desintegrar a forma tranqüilizadora do idêntico".

os metais das metas entre os dentes
: outros mundos do mundo

- não há ponto fixo no universo,
concluiu Galileu Galilei,
gélida manhã de vento. Era Pádua: 10 de janeiro de 1610

na terra de santa cruz, caldo de sóis
um canibal lambe uma `alma
- firme, firme, só a inconstância,
como disse aquel `outro escroto, pensou

o real? este sudário
o corpo abandonado a sua própria sobra

inteira?,
ah ah ah
uma boa farofa
só

FODAS TODOS

o espectro

1.
a metafísica mandíbula do jaguar mira as patas da substância branca do branco
sagaz... voraz..., capt captura
salto na selva do sul - -

1.1
o servo ~
susta
a ordinária disciplina, a tirania das gramáticas do trabalho
toca o fulgor da fala fora da língua; a polpa do impalpável
lambe, com os tatos do olfato,
todos os sábios sabores da vadiagem

1.2
nervo da noite,
a luz numinosa da lâmpada despoja-se
ávida dos ovários da obscuridade, fagulha a profundidade da treva fértil

1.3
a letra,
livre da ereção dos significados e dos sujeitos de substância,
cala c'a boca cheia de errâncias rastros arres rrr
NÃOS
à "baba babel" da puizia e o pus de suas poéticas.

prolif

toda baba boca cheia **nordeste**
é a fala erigida alçapão
é um inquérito sobre os embustes do nome
é uma máscara escandalosa de enunciação
é quando o mundo se amesquinha a este mundo
a cerca elétrica da língua e seus coliformes coloniais

os cabaços atávicos do tempo são refúgios imprestáveis!
a terra vasta hospitaleira e hostil
a terra vasta avulta avilta
o limite a medida a moldura
a terra vasta
folotes fuleros
catraias e quengas
o xexeiro
bexiga taboca gôta serena a bexiga lixa

devêm seus **nenhures**

”””

à anônima imanência à perpétua dispersão
da infinita finitude

a vida do vivo brota n' *o-fugir*, sua vocação de durar
no escândalo no escárnio no devir
reaviva o morto abatido pelas costas, de 7 às 7 todo todo todo todo dia

infinita o finito
destrói o que destrói
sangra o que sangra
alouca a loucura

fora

a coisa em sua coisidade
a tesoura de unha a cutícula no canto do quarto
o corpo sem peso de alma matéria de óbito

o-fugir a morte
significa

que se tem fixado

é deriva
o que há

[resíduo enxerto]
longo legado
ágil vagar

fronteira floração
membrana

, entre abrigo e açoite , entre sim e não , o que foi o que virá ,
nem ontem nem amanhã , ontem amanhã o que está sempre a chegar

grafa-se voz curva no tempo
- assíncrono dissenso

à forma motriz do amorfo -

①-----

AQUI

? que te faz branco

? que te faz

o que ouve o vento?

tem faro o inseticida?

a música, cólicas?

vês dos répteis as invisíveis asas?

sente frio a pele das pedras?

disseca a clínica o sopro da célula?

da presa, mastiga o predador o fugir?

oO

o

o

O

o
fim da
puizã é a
prosa
a prosa é a prova
do fim

o mar que suga o afogado e o solta na praia assim assim assim

o tempo num cessa, Diadorim

o zim da puizã é uma
ova

que

O

“lança ao nariz dos deuses fitas de fumaça”

o

oO

o

O

—00—

resta
o escombro
da cinta
civil

i

—Z

acional

da equina equivalência de todos os mundos do mundo

resta o

r e s t

o

angustiosa
nostalgia do

c o n t í n u o

o futuro *a priori*

HA HA HA

soçobra

sobra

os poros d'agora

Natal

...
eis o tempo
pro
desmoronamento

...
a hora propícia
de
celebrar
o abalo

...
fender o delírio
do
Phalo

...

inquietar é verão
o hábito
da assimilação

...
inventar os ventos
da
abolição

...

n

nos que aspira

nos que
percam

vinguem

convidem

nos

que

mult

i

pliquem

trans

borde m

nos

que trans

cendam

que

in

fin

it

3 cigarros

quando esse carnaval passar

o caudal das margens inundará a cidade com suas hélices de peixes
um tempo sem tempo a irrigar a cinza deste ordinário futuro

quando esse carnaval passar

o demoroso, fluir de cavalos de aço e árvores jaguares, repactuará as alianças
insistente outrora deslizando seus agoras sobre estes dias posições

quando esse carnaval passar

as asas de nossas raízes alastrarão seu bafo certo in-cessante in-preciso
in-tangível

eia eis

pros
que quedam ávidos ao clamar das águas salgadas
e se espraíam asas ao azar
praqueles que **casam** lá e **asam** a**Zar** é materno mar

sentir os tubérculos
o térreo das batatas

pensar os tubérculos
as fibras da macaxeira

sonhar os tubérculos
o escorrer da beterraba

exortar os tubérculos
à ave feira dos carás

bastardas bocas

ALTER DO COMUM

“Como ousar voar” contém “paráfrases” de Drummond, Sousândrade, Huidobro, Neruda e Bandeira;

“Península amordaçada e impassível” é César Vallejo na tradução de Tiago de Melo;

“Mil línguas de grama” está no Pound dos Campos;

“Deixarei crescer meus cabelos” é do Lorca do *Poeta em Nova York*, da tradução de William Agel de Melo;

“Vivamos minha Lésbia” retoma o Mallarmé e o Catulo dos Campos, o Ricardo Reis de Fernando Pessoa, o João e Astrud Gilberto de *Cordovado* de Tom e Vinícius e “Let’s do some living after we die...” de *Wild Horses* dos Stones;

“Poesia é risco” é de Augusto de Campos;

“Sangra toda palavra sã”, Djavan em *Açaí*;

“Sagaz potência predatória” colhi nas *metafísicas canibais* de Eduardo Viveiros de Castro;

“Tudo é apócrifo, meu filho” está no *Respiração artificial* de Ricardo Piglia, traduzido por Heloisa Jahn;

“Abel é meu nome, disse Caim” é do *Caim* de José Saramago;

“Frátria órfã” é de Maria Rita Kehl;

“Evas negras [carnudas] não redimidas por Maria” peguei em *Paraíso* de Toni Morrison, na tradução de José Rubes Siqueira.

“Besta da sombra” retirei de Gloria Anzaldúa, cujo

pensamento permeia todo o texto;

Violeta pedala ouvindo Velvet Underground, Cartola, Luiz Melodia, Belchior e a Gal de Waly e Jards;

Uma versão modificada de *Tempo é saliva...* foi publicada em *Infitada*, com Antonio de Brito Freire;

“Vagalumes têm vocação pra revolta” é de *Resistência dos vagalumes* de Georges Didi-Huberman, traduzido por Vera Casa Nova e Márcia Arbex;

Em “O sendo efêmero”, há eco d*O camponês de Paris* de Louis Aragon, na tradução de Flávia Nascimento e d*“A verdade é um momento do que é falso”* da *A sociedade do espetáculo* de Guy Debord, traduzido por Estela dos Santos Abreu;

“Baba babel” está em *Outros românticos* de Caetano Veloso;

“Lanço ao nariz dos deuses fitas de fumaça” é Jules Laforgue na tradução de Augusto de Campos;

“A única verdade é o delírio” é de Roberto Piva;

Os versos em inglês de “A única verdade é o delírio” é de *Dancing with Mr. D.* dos Rolling Stones;

“Desestabilizar a forma tranquilizadora do idêntico” está em *A vida dos homens infames* de Michel Foucault, traduzido por Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro;

“Mil e tantas misérias” é do *Grande sertão: veredas* de João Guimarães Rosa.

SUMÁRIO

1. n
2. Pronto!
3. além, muito aquém daquela serra, que ainda
azula no horizonte...
4. mestiçaria
5. nem ao pó nem apocalipse
6. esta é tua estânÇia entra
7. como ousas voar nesta névoa de pixel e pólvora?
8. espólio
9. sim
10. min' história num começa co'a tua ? o que
houve
11. Teu corpo. À imagem
12. cresço os cabelos
13. tocar os longes
14. todo corpo é multidão
15. vivamos nossa fábula, minha Lésbia, e amemos
16. asa azagaia
17. anfíbio
18. te-manténs aquel'ovo podre ancestral neste
futuro?
19. fosse tu
20. Ao arremessar fora os pássaros,
21. atijo o áÇido
22. Anastácia
23. a nobre fábrica de fêmeas
24. Deserto será o fruto de teus trabalhos
25. Q'DEUS QUER?
26. “que nome te dás?”, inquire a muniça.

27. geografia da raiva ou a incerteza da completude
28. não
29. AR-15
30. encefalograma colonial
31. - Se der mole eu como – Come tua mãe! – Quero
nem saber
32. puiZia
33. puiZia
34. foda Hilda
35. puiZia é o cio da insônia
36. “Inácio de pouco préstimo tem me servido”
37. no Eldorado da Chacina, Augusto
38. ó febre amarela
39. sindicância do ódio
40. 7 de setembro
41. e essa
42. o que o museu da polícia civil do estado do rio
de janeiro tá fazendo com mais de 1200 peças
sagradas da Umbanda e do Candomblé?
43. os 5 carimbos
44. a car’ né
45. argolas duplas
46. preto pensando
47. hoje, celebremos ! ! ! !
48. anastácia II
49. commodities
50. o sendo efêmero
51. e
52. memento
53. és tu e em ti
54. as ameixas azuis da alegria despedidas de seus
cavalos

55. pretas putas
56. olho de onça cindida
57. Violeta cruza o Zepa subir a Quebra Quilos
tomar o Centro
58. nós pós nós
59. stela do patrocínio
60. universal é a fraude
61. vogue
62. eu só acredito em ciência que delira
63. não há ponto fixo no universo
64. a metafísica mandíbula do jaguar
65. toda baba boca cheia nordeste
66. a vida do vivo brota n' o-fugir, sua vocação de
durar
67. que se tem fixado
68. ? que te faz branco
69. o
70. resta
71. Natal
72. nos que aspirem
73. quando esse carnaval passar
74. pros

480 POEMAS PRETOS MAIS + 3

Antônio Carlos de Melo Magalhães

A obra obstinada que sai das mãos de Justino Justino transita do Zepa (bairro José Pinheiro, em Campina Grande) aos escombros e combos da tradição, sempre com a resistência do trauma e do espectro. Obra poética das melhores e raras. Bela e incômoda. Obra-denúncia, obra-paixão, assim é *480 poemas pretos + 3*. Um novo poeta emerge, e parte significativa do que ele é, como pesquisador e autor, está nessa obra, resultado de um processo longo e nada retilíneo que é a vida em suas muitas pulsações. O poeta se faz com a sua obra, e nesta estão gritados e sussurrados os muitos estilhaços da existência, da cultura, das resistências, do corpo-multidão.

É poesia que se levanta em forma de “inquérito sobre os embustes do nome”, para romper a “cerca elétrica da língua” e os “seus coliformes coloniais”, porque “universal é a fraude”. É poesia que quer cantar não o medo, mas “o afiado canto”. Poesia sem disfarces e enfeites das dominações que impedem vãos.

480 poemas pretos + 3 é poesia que pode inaugurar um novo tempo na literatura paraibana, nordestina, brasileira e alhures Ao mesmo tempo em

que ruas, lugares, cenários de bairros estão presentes, toma distância de clichês museificantes, de repetições ideológicas doutrinadoras e das marcas identitárias restritivas, autoritárias e cerceadoras. Nessa obra o corpo voa, não para se diluir em relativismos débeis, mas para lembrar e enfrentar com toda a contundência as muitas ameaças que tentam rapinar obras, grupos, lutas, dores e prazeres. Obra alada, portanto, tanto em relação aos septos quanto em relação a vieses críticos que se contentaram com formas óbvias e conteúdos monótonos.

480 poemas pretos + 3 é presença que produz estranhamentos visuais, que nos interpela como leitores acostumados a formatos batidos e repisados. Texto que irrita porque nos tira de nossas comodidades, de nossas formas convencionais de leitura. Sem entrar em pertencimentos formais a escolas, o que importa na leitura é também abrir os olhos para os cantos, para as deformidades, porque só esticando os olhos é que vemos nuances, matizes, perspectivas inovadoras do que é essa realidade que nos interpela em nosso cotidiano banal. Nosso olho ante a página preta, tendo que subverter o zoom colonial e a polidez das leituras sequenciais.

A pátria dessa obra “é a própria dispersão”, é feita de uma “indébita identidade, matéria úmida do mundo”. Se o poeta sai “do ser como quem lava as mãos”, o leitor é constrangido pela obra a sair do ser como quem se aventura a olhar a folha preta como página para se escrever poesia e narrar a vida. *480 poemas pretos + 3* é obra-fogo que não permite que o leitor saia sem ver queimar a página branca da escrita

da história e da cultura. Obra que dói e que faz rir.

Sempre imagino o que um autor imagina e deseja com a sua obra. A de Justino ~~Justino~~ Justino abala e desafia, como se estivesse a nos perguntar se “o ovo podre ancestral” nos manterá em qualquer futuro que projetamos. Não seria essa a maior conquista de uma obra literária, a de interpelar leituras e leitores? A de tirá-los de uma sequência de acúmulo de informações e deleites óbvios?

480 poemas pretos + 3 é obra que desponta como uma das mais instigantes e desafiadoras que tive oportunidade de ler nos últimos tempos. Uma obra literária só se torna especial ou grandiosa quando deixa aturdido o processo de leitura, quando somos obrigados a buscá-la novamente para leituras renovadas.

AO POETA QUE INAUGURA A DESESSÊNCIA DO DIZER

Elisabete Borges Agra

480 poemas pretos + 3 inaugura distintas possibilidades para a poesia contemporânea. A experimentação estética com a linguagem que traz à tona uma memória involuntária capaz de envolver o leitor numa teia sinestésica e, ao mesmo tempo, numa correspondência entre imagem, som e des-sentido.

Justino ~~Justino~~ Justino consegue tornar indecidível o tempo e o espaço da folha de papel num percurso que chega a produzir na “folhapretado-pretoemtranse” a ambiguidade ambilíngue do seu signo estético, cuja funcionalidade não pode ser avaliada por coerência, linearidade, estabilidade e seus correlatos, mas por elementos que multiplicam os percursos de significantes, muitos a-significantes e extra-verbais.

Babel de muitas vozes memoriais, tanto da literatura e da arte quanto da própria história negra, o poeta consegue manter um diálogo com a tradição de forma antropófaga. Surge então uma poesia desgaste

e ao mesmo tempo resgate, da rasura como retomada e reinvenção, daquilo que podemos perceber como o esquema da repetição, em termos deleuzeanos. Transforma o dito repetível em acaso de um devir infinito: “além, muito aquém daquela serra, que ainda azulada no horizonte...”.

Tenho a poesia de Justino Justino Justino – “falar é fuder” -, mas pelo espaço que a palavra cava no tempo. Essa poesia potência me lembra muito o que Octavio Paz diz sobre a poesia de Mallarmé: “poema crítico: se não me engano, a união destas duas palavras contraditórias quer dizer: aquele poema que contém sua própria negação e que faz dessa negação o ponto de partida do canto, a igual distância da afirmação e da negação”.

Sem dúvida é uma poesia fechada ao mundo “que se assemelha a este mundo”, mas aberta a uma infinita potência de mundos possíveis, inclusive da semiose negra, de sua memória, de seus estatutos de identidade.

Daí o caráter inquietante de sua leitura. Críticidade e negatividade irônica tão insistentes que incomodam aos olhos de quem lê, pela negação do real cristalizado pela ordem, que o obriga, o leitor, a desviar seu olhar tautológico e caminhar pelo universo paralelo da fala para além/aquém de si mesma. Críticidade e negatividade irônica fazem da linguagem uma inversão que indetermina o voo para além dos espaços das unidades mínimas do dizer, entre o silêncio e o fonema, entre a obscuridade impenetrável do dizer e os espaços infinitos do próprio dito. Seus recorrentes espaços de silêncio são marcadores

indelévels da sua potência poética.

No cerne de sua poética opera uma semiose politicamente intencionada na qual o verso coreografa a ideia, diga-se uma ideia para além de qualquer ideal, antes o rachando ao recusar toda relação passiva entre significante e significado. O genocídio negro no Brasil bem como os processos de estigmatização da identidade negra e da mulher, a ditadura militar, o sangue que escorre do capital, são alguns temas que tornam impossível no livro dissociar poética e política

Leia-se!

A obra obstinada que sai das mãos de Justino Justino Justino transita do Zepa (bairro José Pinheiro, em Campina Grande) aos escombros e combos da tradição, sempre com a resistência do trauma e do espectro. Obra poética das melhores e raras. Bela e incômoda. Obra-denúncia, obra-paixão, assim é 480 poemas pretos + 3. Um novo poeta emerge, e parte significativa do que ele é, como pesquisador e autor, está nessa obra, resultado de um processo longo e nada retilíneo que é a vida em suas muitas pulsações. O poeta se faz com a sua obra, e nesta estão gritados e sussurrados os muitos estilhaços da existência, da cultura, das resistências, do corpo-multidão.

Antônio Carlos de Melo Magalhães

Justino Justino Justino consegue tornar indecível o tempo e o espaço da folha de papel num percurso que chega a produzir na “folhapretadopretoemtranse” a ambiguidade do seu signo estético, cuja funcionalidade não pode ser avaliada por coerência, linearidade, estabilidade e seus correlatos, mas por elementos que multiplicam os percursos de significantes, muitos deles a-significantes e extra-verbais.

Elisabete Borges Agra